

CARACTERIZAÇÃO DOS CALOUROS INGRESSANTES EM UM CURSO DE NUTRIÇÃO

PAULSEN, Ticiele Bueno¹; NEGRI, Sônia Teresinha De²

¹ Faculdade de Nutrição, UFPel; ² Departamento de Nutrição, UFPel.
End. Eletrônico: ticy_paulsen@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O conceito de ciência da nutrição, alicerce para a profissionalização em nutrição, de Stare (*apud* OLIVEIRA; MOTTA; BOOG, 2003), permitiu a caracterização da profissão como ciência aplicada da relação entre o homem e o alimento. No sentido biológico trata-se do ato alimentar, seus processos digestórios e metabólicos. Já no sentido social, a alimentação inclui o processo de produção e distribuição dos alimentos entre os membros da sociedade, com correspondência na dietética (FERREIRA, 1986 *apud* OLIVEIRA; MOTTA; BOOG, 2003).

A partir da Lei nº 8.234 de 1991 e das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso Superior em Nutrição, pelo MEC, temos delineado o perfil do profissional Nutricionista, sua abrangência de atuação, habilidades e competências inerentes à profissão. A formação generalista, humanista e crítica, visa à segurança alimentar e a atenção dietética, para a promoção, manutenção e recuperação da saúde e para a prevenção de doenças de indivíduos ou grupos populacionais (BRASIL, 2001; CFN, 2010). Na formação do profissional, as matérias devem se relacionar de modo que sejam contempladas todas as dimensões da nutrição, voltadas ao indivíduo, nos seus aspectos biofísicos, psicológicos, sociais e culturais e, em prol da sociedade.

Para que este processo de formação aconteça de forma qualificada, é necessário que ocorra interação positiva entre o educador, o estudante, o conteúdo a ser estudado e a maneira de lidar com este conteúdo. As motivações envolventes no ambiente acadêmico são importantes ao êxito acadêmico e, cabe ao professor, criar um “ambiente motivador”, desenvolvendo em sala de aula situações de aprendizagem, em que o aluno tenha papel ativo na construção do seu conhecimento, com recursos didáticos adequados, a avaliação formativa, as estratégias de ensino e os conteúdos apropriados, proporcionando assim atividades desafiadoras que contribuem para a formação de um profissional capacitado para pensar e expressar suas opiniões perante a sociedade (PEDROSO; CUNHA, 2008).

Para Pedroso e Cunha (2008) o papel do professor é desafiar o aluno a desenvolver seu potencial, mobilizando conhecimentos para o desenvolvimento de situações concretas de aprendizagem, permitindo que os acadêmicos integrem os conhecimentos, desfazendo a relação fragmentada de conteúdos.

O aluno também deve se mostrar interessado em buscar o conhecimento, reconhecendo que a aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático e que depende do despertar de suas potencialidades, podendo ter o auxílio do educador para o reconhecimento das mesmas (RAASCH, s.d.). Estudos como os de Boruchovitch e Bzneck (2001 *apud* RAASCH, s.d.) tratam de fatores relativos à motivação do educando, entre eles: aspectos cognitivos, a motivação intrínseca e extrínseca, o uso de recompensas, as metas de realização, organização do ambiente de estudo, a própria inteligência do aluno, crença na sua auto-eficácia, ansiedade, sua satisfação acadêmica e até mesmo seu esforço em busca do aprendizado. Todos esses objetivos, se atingidos com a colaboração por parte do

educando e do educador, podem levar a uma melhor qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

Evidências apontam que uma grande parte dos alunos conclui o ensino fundamental e médio sem a habilidade da leitura e entendimento. São esses alunos que ingressam no ensino superior, com sérias deficiências em leitura, que é essencial para o estudante universitário, já que “seu sucesso no ensino superior está associado à sua maturidade em leitura” (SANTOS, 1991 *apud* OLIVEIRA; SANTOS, 2005, GARRIDO, *op.cit.*,1998).

Para a aprendizagem, é necessário haver atenção, que implica na seleção de informações, influenciada por um estímulo forte ou novo, sem que a vontade pessoal interfira. A capacidade de memória, na adolescência e idade adulta, caracterizada pela lógica (OLIVEIRA s.d) ocorre devido a tendência de relacionar o conteúdo obtido a algum outro fato, facilitando assim o armazenamento dessa nova informação. Além desses fatores, concentração e organização com o material de estudo contribuem e muito para o aprendizado de qualidade. Portanto, o presente estudo tem por objetivo caracterizar os calouros do curso de nutrição, quanto ao seu interesse pelo curso e aos seus potenciais de estudo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal quantitativo, realizado com calouros do curso de nutrição da UFPel ingressantes no primeiro semestre de 2011. Foi aplicado, em sala de aula, em um único dia, um questionário próprio, contendo questões de identificação e relacionadas à formação em nutrição e características pessoais para o seu aprendizado. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram excluídos da pesquisa os ausentes no dia da coleta. Os dados foram organizados num *rol*, foram calculadas as médias e percentuais e analisados sob a estatística descritiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 40 calouros, havendo predominância do sexo feminino em 92,5% ($n=37$). Primeiramente, acreditava-se que esse resultado possivelmente teria sido encontrado devido a esta procura feminina pela nutrição estar diretamente ligada ao surgimento da profissão, já que na década de 1950, a nutrição era apontada como uma profissão direcionada às mulheres, por ser uma extensão das atividades femininas desenvolvidas no âmbito doméstico. Porém, nos dias atuais, acredita-se que este conceito mudou, pois somente o fato do curso ser apropriado para estudantes do sexo feminino não justifica tal escolha, já que atualmente, a representação do curso vinculada ao seu surgimento não condiz mais com as atribuições do gênero e nem com as diversas funções assumidas hoje pelo nutricionista. O que pode estar contribuindo para que essa situação ocorra, é o desconhecimento da abordagem do curso e das áreas de atuação, já que as pessoas ainda ligam a profissão de nutrição à cozinha. Outro fator que explica o reduzido número de homens no curso, é o preconceito e/ou a má informação desses em relação ao curso (ARCHANJO; BRITO, 2005).

Quanto à idade, 90% está entre 17 e 28 anos, os demais com mais idade até 49 anos. Em relação à formação anterior, 87,5% ($n=35$) são oriundos do ensino médio, destes, sete são formados em cursos técnicos e cinco já concluíram outro curso

superior. Vinte e dois (55%) informam que a nutrição foi a principal escolha no vestibular, seis preferiam medicina, e o restante, outros cursos diversos. A análise dos questionários mostra que praticamente a metade dos estudantes não escolheu a nutrição como primeira opção no exame vestibular, esse resultado encontrado confirma os achados de Archanjo e Brito, 2005, sobre o perfil dos nutricionistas, que constatou que a busca pela nutrição seria como um “tiro no escuro”, já que é algo novo e desconhecido, diferente de outras profissões em que as atribuições dos profissionais já são bem conhecidas. A maioria dos estudantes ao responderem o questionário, não deixou claro o que esperam do curso e boa parte dos calouros não havia nem mesmo tido contato com o currículo.

Como preferência dos calouros para os tipos de aula com melhor aproveitamento, as práticas foram citadas por quase a totalidade dos alunos, 33 apontaram também as aulas presenciais e expositivas e 19 assinalaram as visitas técnicas, como destaques dentre oito alternativas oferecidas para resposta. Esses recursos didáticos, destacados como preferidos pelos alunos, favorecem a transmissão dos conteúdos e, de certa forma, ajudam a manter a relação professor-aluno verticalizada, por este motivo são melhores aceitos e considerados mais “apropriados” (ROZENDO et al., 1999). Essas considerações são compatíveis com a argumentação de Fávero (1993 *apud* AMORIM et al, 2001) que diz que os cursos de graduação devem trabalhar a questão teórica/prática de forma integrada, buscando a articulação durante toda a formação profissional.

Em relação aos seus potenciais de estudo, para o quesito atenção: cinco alunos (12,5%) identificaram como *fraco*, trinta e dois (80%) *bom* e três (7,5%) *muito bom*; para o quesito memorização: quatro alunos (10%) *fraco*, trinta (75%) *bom* e seis (15%) *muito bom*; para o quesito motivação: sete (17,5%) *fraco*, vinte e quatro (60%) *bom* e nove (22,5%) *muito bom*; para o quesito concentração: treze (32,5%) *fraco*, vinte e um (52,5%) *bom* e seis (15%) *muito bom*; e para o quesito organização com o material: cinco (12,5%) *fraco*, quinze (37,5%) *bom* e vinte (50%) *muito bom*. Tendo em vista os resultados, podemos destacar, que com exceção da organização com o material de estudo que a maioria assinalou como *muito bom*, os demais potenciais foram assinalados como *bom*, pela maior parte dos alunos, o que mostra um ótimo resultado, já que todos estes potenciais aliados, propiciam que o aluno desenvolva a capacidade de auto-regulação da aprendizagem, onde ele faz uso intencional de estratégias de domínio das funções mentais, como atenção e memória. Além disso, para que o processo de aprendizagem ocorra de forma qualificada, é necessária a motivação por parte do aluno que é de grande valia, pois o mesmo necessita reconhecer que a aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático e que depende do despertar de suas potencialidades, podendo ter o auxílio do educador para o reconhecimento das mesmas (RAASCH, s.d.).

4 CONCLUSÃO

Concluimos que, se for mantida a representação da nutrição como curso intimamente ligado à cozinha e as afinidades femininas, desconhecendo os reais objetivos que fundamentam a profissão, os estudantes do sexo masculino poderão demonstrar menor interesse pelo curso mantendo a sua baixa procura. Além disso, o aluno precisa se sentir motivado para que tenha um bom aproveitamento do que lhe foi ensinado, isto é possível através de um ambiente motivador, onde o aluno

tenha vontade de aprender, melhorando ainda mais seus potenciais para o estudo e para sua auto-aprendizagem.

5 REFERÊNCIAS

AMORIM, Suely Terezinha Schmidt Passos de; MOREIRA, Herivelto; CARRARO, Telma Elisa. A formação de pediatras e nutricionistas: a dimensão humana. **Revista Nutrição**, Campinas, v.14, n.2, p. 111-118, maio/ago 2001

ARCHANJO, Lea Resende; BRITO, Karla Francine W. Nutrição: Gênero e Profissão. **RUBS**, Curitiba, v.1, n.4, p.44-50, out./dez. 2005

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CESOS.pdf> Acesso em: 15 jan 2011.

OLIVEIRA, Helene Palma de. A Aprendizagem de Estudantes Universitários. S.d.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Compreensão em leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, p. 118-124, 2005.

OLIVEIRA, Maria Rita Marques de; MOTTA, Denise Giácomo da; BOOG, Maria Cristina Faber. A formação universitária em nutrição. **Pro-Posições**, São Paulo, v.14, n.1, p. 69-85, jan/abr. 2003.

PEDROSO, Maísa Beltrame; CUNHA, Maria Isabel da. Vivendo a inovação: as experiências no curso de nutrição. **Interface – comunicação, saúde, educação**, v.12, n.24, p.141-152, jan./mar. 2008.

RAASCH, Leida. A motivação do aluno para a aprendizagem. **Diário Oficial da União**, s.d.

ROZENDO, Célia Alves; CASAGRANDE, Lizete Diniz Ribas; SCHNEIDER, Jacó Fernando; PARDINI, Luiz Carlos. Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área da saúde. **Revista latino-americana enfermagem**, Ribeirão Preto, v.7, n.2, p. 15-23, abril 1999.